

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE SUJEITOS AFÁSICOS EM GRUPO DE CONVIVÊNCIA

Érika Maria Asevedo Costa¹
Nadia Pereira G. de Azevedo²

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) é uma teoria, que trabalha no entremeio de três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise. Além disso, propõe um procedimento analítico, importante no processo de interpretação discursiva.

A afasia é um distúrbio da linguagem, decorrente de causa neurológica, como Acidente Vascular Encefálico (AVE) ou Traumatismo Crânio Encefálico (TCE), entre outras. A Afasia pode gerar desde um simples distúrbio imperceptível na fala à impossibilidade plena de funcionamento de linguagem (COUDRY, 2001).

Nesse contexto, o presente trabalho baseia-se na teoria e procedimentos analíticos da AD, proposta por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e seguidores. A AD, segundo Ferreira (2001), analisa a estrutura de diferentes textos e compreende a ideologia neles presente. Enquanto a linguística traz a língua como seu objeto de estudo, a Análise de Discurso tem o discurso como objeto, pois o entende como o lugar onde se cruzam língua e ideologia (ORLANDI, 2012). Para Pêcheux (2008), o discurso é efeito de sentido entre interlocutores e Orlandi (2012) destaca no discurso a ideia de movimento, seja na estrutura oral, seja na escrita.

Segundo Ferreira (2000, p. 39), a AD é composta por uma “complexa composição”, “a AD instaura um caráter conflituoso desde o assentamento de seus postulados.” Ainda de acordo com essa autora, o principal alvo desse confronto é justamente a linguística, em função de que a AD, ao propor a exterioridade como

¹ Mestre e Doutoranda em Ciências da Linguagem – UNICAP. erikacostalinguagem@gmail.com.

² Doutora em Ciências da Linguagem – UNICAP. nadiaazevedo@gmail.com

constitutiva dos discursos, contrapõe-se diretamente ao caráter de imanência presente em todas as outras ciências da linguagem. Dessa forma, o que torna a AD “corrosiva” é o fato de problematizar questões já disponibilizadas no interior da linguística, particularmente [...] é questionado o postulado da autonomia da sintaxe em relação à semântica bem como o esquecimento, por parte da linguística, da noção de história e também do sujeito (FERREIRA, 2000).

Percebe-se que desde o nascimento da AD em 1969 até a morte de Pêcheux em 1983, a teoria da Análise do Discurso foi todo tempo repensada e essas reflexões sempre tinham como ponto nodal a articulação entre discurso, língua, sujeito e história. Do ponto de vista político, a Análise do Discurso nasce assim na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma facção de tipo Burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística (GREGOLIN, 2004). Na verdade, o que AD provoca é uma modificação dos conceitos de análise de um texto no campo das questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno da área, sobretudo nos conceitos de língua historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. Fica claro, então, que a AD não se vê como uma disciplina autônoma, nem tampouco como disciplina auxiliar. Ainda segundo a autora (*op. cit*), o que ela visa é tematizar o objeto discursivo como sendo um objeto- fronteira, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica, simultaneamente.

Diante do exposto, este trabalho tem como foco analisar discursivamente a linguagem de sujeitos afásicos participantes de Grupo de Convivência.

AFASIA E ANÁLISE DO DISCURSO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da observação do funcionamento da linguagem de sujeitos integrantes do Grupo de Convivência de Afásicos (GCA), grupo de extensão, ensino e pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Os encontros

semanais no GCA do Laboratório de Linguagem desse PPG têm duração de duas horas. As atividades do grupo enfatizam o trabalho com a linguagem, seja na modalidade oral ou escrita; bem como oferecem um *locus* para discussões sobre a inserção do sujeito afásico na sociedade. Dentre os integrantes do GCA, foram selecionados dois sujeitos que se destacam pelas frequentes tentativas de estabelecerem diálogo com os demais participantes. Os dados aqui apresentados foram coletados diante de dois encontros no grupo supracitado de Convivência dos Afásicos

Segundo Alves (2005), o sujeito da AD é constituído na interação social, não é o centro do seu dizer, em sua voz, há um conjunto de outras vozes, heterogêneas, que se manifestam. “O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade dos discursos”. (FERNANDES, 2005, p. 29). O sujeito não é fonte do seu dizer, se encontra atravessado por várias formações discursivas. Para a AD, o discurso, portanto, sempre é heterogêneo. Quando falamos de heterogeneidade, nos referimos a discursos outros que interpelam e constituem o sujeito. Fischer (2008), completa que não estamos diante de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem “não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é a mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem” (FISCHER, 2008, p.207).

O sujeito da AD é perpassado pelo inconsciente e habitado por desejos recalçados. As identidades são multiplamente construídas no decorrer de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou se opor, e, por isso, estão sempre sujeitas a uma historização, permanecendo sempre em processo de mudança e transformação. Para a AD, o contexto histórico, ideológico e social tem papel fundamental na formação da identidade discursiva do sujeito. Sustentando a noção de separado, heterogêneo, descentrado, incapaz de se definir como uno e estável, não há como pensar em identidade fechada e descritível, mas sim em momentos de identificação que estão sempre em movimento e modificação. A identidade torna-se assim, móvel, formada e transformada continuamente, inclusive a partir da relação com o outro. Desse modo, a noção de identidade plenamente unificada, estável,

completa e coerente, defendida por muitos, não passa de uma fantasia (CORACINI, 2003).

A seguir, será caracterizado o procedimento analítico, bem como será iniciada a análise discursiva.

ANÁLISE DISCURSIVA

Percebe-se, por meio das transcrições das sessões realizadas, que foi possível encontrar uma regularidade nos temas pelos sujeitos afásicos no GCA da UNICAP. São eles: crença na incapacidade da fala, lembranças do passado, a doença de base e mitos baseados no senso comum.

No recorte discursivo 1 fica notório uma fluidez na linguagem, que se contrapõe ao discurso da impossibilidade de dizer. Neste momento, quem aparece é o sujeito consciente que diz da doença do sintoma que faz calar. Assim, os dois sujeitos em análise, apresentam o discurso da impossibilidade, essa fala circular que marca “eu ia falar que...” antigamente falava muito bem.... “não consigo falar”. Apesar disso, percebe-se nos discursos dos sujeitos SA1 e SA2 que a incapacidade do dizer fica mais evidenciada, principalmente quando, no decorrer das suas falas, as hesitações e paradas longas de silêncio, sinalizam sua dificuldade do dizer, antecipando sua condição de não-falante. Segundo Pêcheux (2008), a formação discursiva é o lugar e a constituição do sentido, no qual se vincula a constituição do sujeito. No episódio, marcado no segmento dos sujeitos em análise, há completa identificação dos sujeitos à formação discursiva de não falante. Esta é uma possibilidade de estar no discurso, de dizer uma fala impossível. Este segmento marca um assujeitamento do sujeito afásico a esta FD. Ao mesmo tempo, estar em situação de conversa, é uma condição de produção que traz como efeito uma linguagem totalmente possível e compreensível.

Recorte Discursivo 1

SA³1: ... (silêncio)... eu ia falar que... antigamente falava muito bem... lia também...leio... não em voz alta... e agora eu to oh (faz um gesto de negação com as mãos).

³ Sujeito Afásico

SA2: (silêncio)... Por que... lembro... sei não... não consigo falar. Oh rapai... não lembro... Silêncio.
SA1: (silêncio)... O que você fala e-eu entendo muito bem, ma-mas pra falar pra-pra pro-nunciar a palavra eu.
SA2: Calma... calma... Oh... Por quê? Depois... Depois.

Outro aspecto interessante a ser analisado neste recorte 1, concernente à sua prática discursiva, diz respeito às formações imaginárias que, segundo Pêcheux (2007), são as imagens que os sujeitos fazem do seu próprio lugar do outro. É provável que seja por via das formações imaginárias que o sujeito afásico se autoavalia como sujeito que “não consigo falar”, pois imagina que o outro não o compreenderá ou não há de querer aguardar para que ele organize suas ideias e as emita num tempo um pouco maior que o “normal”.

Na Análise do Discurso, qualquer repetição já significa diferentemente, ou seja, a repetição para a AD traz sentidos diferentes e a repetição de uma palavra em AD não significa a mesma coisa (ORLANDI, 2007), portanto essa repetição, para os sujeitos afásicos, embora tenha o mesmo vocábulo, possui efeitos de sentido diferentes. Provavelmente, no sujeito SA2, a repetição incansável da palavra “calma” pode ter efeitos diversos de sentido e um deles é possível que seja “aguarde que vou conseguir dizer”.

No recorte 2, a seguir, fica evidente a ideia crítica sobre a qualidade dos ambientes naturais, deixando claro que o meio ambiente sofre com as ações humanas. Quando, nos seus dizeres, predominam expressões como “praias sujas” e “rios sujos”, observa-se que, para eles, o sentido de meio ambiente tem uma relação direta com o estado ou qualidade da natureza, estando ela numa condição ideal, saudável e desprovida de qualquer agente que a retire da condição de normalidade.

Recorte Discursivo 2

P⁴: Vocês sabem algo sobre educação ambiental?

SA-1: tudo sujo (faz sinal de negação com o dedo).

SA1: a paia tudo sujo.

P: É cuidar do planeta? É se preocupar com as questões do meio ambiente?

SA1: Os ani-mas o-ri-o su-jo.

P: E o lixo. Vocês sabem que existem a seleção dos tipos de lixo?

SA2: Um é o-o pa lico, ali...

⁴ Pesquisador.

SA2: Um é pa bota vido o oto ..
SA2: Não e, num é só isso não.

Trazendo a teoria da AD, os sujeitos SA1 e SA2, trazem à tona a memória discursiva, quando retornam que antigamente as praias eram mais limpas, como também se observa no dizer do sujeito SA2. Segundo Orlandi (2009), toda fala resulta de um efeito de sustentação no já dito. Aqui, a fala dos sujeitos é sustentada num discurso que é proferido historicamente na temática rotineiramente discutida sobre o meio ambiente.

Segundo Pêcheux (2008), jamais se pode encontrar um discurso puro, separado de sua ideologia, já que todo discurso de um sujeito e todo sujeito é ideológico. No recorte 2, os sujeitos falam do meio ambiente constituindo-se de dizeres já ditos na história (interdiscurso). Os sujeitos e os sentidos se repetem e se deslocam (ORLANDI, 2009). Está na memória discursiva dos sujeitos a relação da natureza, trazendo o “já-lá, ou seja, “algo fala antes, em outro lugar, (...) é o já dito que constitui todo o dizer” (INDURSKY, 2008, p. 21).

No discurso dos sujeitos afásicos SA1 e SA2 percebe-se o imaginário configurado no tema do discurso de Educação ambiental, encontra-se o sentido de coletividade reconhecendo a falta de conscientização das pessoas ao jogarem o lixo ou a separar o lixo. Reconhece-se, segundo a análise da AD, que é no discurso que a ideologia tem seu encontro com a materialidade (ORLANDI, 2012). Os sujeitos mostram-se pessoas conscientizadas acerca do meio ambiente. Aqui se encontram alguns sentidos já pré-estabelecidos da temática de Educação ambiental, sentidos que são comuns no interdiscurso dos indivíduos na sociedade. Quando o SA2 fala: “Um é é o-o pa lico, ali...” e “Não e, num é só isso não. vai o lugar que vai ai vai ai bota,” explica que não é só separando o lixo, evidenciando o que Orlandi (2012) destaca, quando enfatiza que não há discurso inédito, mas que um determinado discurso tem uma relação com outros discursos, dizeres já ditos, já imaginados, ou seja, marca-se aí o interdiscurso, concepção presente na AD, desde Pêcheux.

Nos discursos dos sujeitos afásicos SA1 e SA2 todos concordam com a seleção do lixo, observando essa relação do discurso com a ideologia, apresentando sujeitos conscientes de que a coleta do lixo é necessária para proteger o meio

ambiente. Esses dizeres já são comuns nas falas das pessoas, assim, o discurso inscreve-se na memória discursiva como repetição histórica, com o apagamento para o sujeito da opacidade da língua e a sua crença de que é origem do que é dito (ORLANDI, 2012).

CONCLUSÕES NÃO-CONCLUSIVAS

Conclui-se provisoriamente, considerando a incompletude do sujeito e da linguagem, portanto, que através da teoria e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de Linha Francesa, os sujeitos em análise acompanham o que é discutido no grupo e assumem o lugar de dizer, mesmo com a dificuldade na linguagem. Eles utilizam recursos, como apontar para o papel com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais a posição de domínio de sua linguagem, o que é uma ilusão, porque, de acordo com a AD, no resgate da psicanálise lacaniana, o sujeito não controla o que diz (apesar da ilusão de controle). No entanto, observa-se que os sujeitos afásicos também “optam” por assumir uma posição de silenciamento, quando notam que não conseguirão falar. As pausas aparecem continuamente e mostram o sintoma na/da linguagem: a falha que faz parar, que cristaliza, mas que também insiste em significar.

Assim, sendo, entre pausas e silêncios, o discurso de sujeitos afásicos deve ser cuidadosamente analisado para que se possa compreender como produz efeitos de sentido. Partindo-se da proposta da AD, pode-se afirmar que o sujeito afásico não tem controle sobre o que diz e a Afasia limita as condições da língua, levando o sujeito a ocupar uma posição da “impossibilidade do dizer” ou silenciar, ao se deparar com a falha que pode não fazer sentido no outro.

REFERÊNCIAS

- COUDRY, Maria Irma Hadller. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CORACINI, Maria José. *Corpo e escrita*. Relação entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FISCHER, Rosa Bueno. *Foucault e a Análise do Discurso em educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre, Ed. Da UFRGS, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Análise do Discurso: os sentidos e suas movências*. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise, CRUVINEL, Maria de Fátima e KHALIL, Marisa Gama (Orgs.). *Análise do Discurso: entornos do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

NDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: Ernest- Pereira, Aracy, Funck Susana Borneo (Orgs) *A leitura e a escrita com práticas discursivas*. Pelotas: Educat. 2008.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: Editora Unicamp. 2007.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas. SP. Pontes/ UNICAMP. 2012.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. *O papel da memória*. Campinas: Pontes Editores. 2009.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Caterine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET, F e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Marianiet al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da Memória*. In Achard, Pierre et al. *Papel da memória*. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2008. Trad. NUNES, José Horta Nunes. p. 71.